

POR ENTRE FRISOS VERBAIS: UM PERCURSO AO LONGO DOS HOMEÓSTATOS DE JOSÉ-ALBERTO MARQUES

Daniela Côrtes Maduro*

RESUMO: A série *Homeóstatos*, criada por José-Alberto Marques (1939-) em 1965 e publicada na revista *Operação 1* em 1967, é constituída por nove poemas visuais. Letras derramadas sobre a folha formam um conjunto de frisos verbais que atravessam as páginas desta série. O presente ensaio pretende desenhar um percurso ao longo desses poemas. Pretende ainda descrever esta obra como um organismo e, desta forma, contrariar a noção de uma página de papel como uma superfície estável e delimitada.

Palavras-chave: Homeóstatos. José-Alberto Marques. Poesia Experimental Portuguesa. Autorreflexividade.

A todo o momento, o corpo trava uma luta para regular a temperatura ou o ritmo cardíaco. A necessidade de encontrar equilíbrio, ordem e simetria é visceral para o ser humano. Essa necessidade torna-se evidente a cada tentativa de ler os homeóstatos. O aparente caos verbal instalado sobre as páginas onde são derramados os *Homeóstatos*, suscita o desejo de reunir o conjunto de caracteres para extrair um sentido do texto. Sendo assim, o esforço investido para encontrar alguma estabilidade textual e semântica é conotado com o trabalho desempenhado por mecanismos homeostáticos de controlo que permitem a auto-regulação e sobrevivência de todos os seres vivos. A tentativa de debelar a plurissignificação, levada a cabo pelo leitor, recorda a luta interna contra a aleatoriedade efetuada por qualquer ser humano. Em reação ao meio ambiente, o corpo transforma-se permanentemente, multiplicando emoções e movimentos. O mesmo ocorre no sistema em constante mutação da série *Homeóstatos*. Dentro deste universo, dois amantes encontram-se na escuridão (Homeóstato 1).

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Portugal. E-mail: cortesmaduro@hotmail.com



Esta obra está licenciada com uma licença Creative Commons.

Fig. 1 – Homeóstato 1, José-Alberto Marques, 1965. Imagem de *Operação 1* (1967). Também publicado em *Poesia Experimental 2* (1966); *Antologia da Poesia Concreta em Portugal* (1973); *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa Anos 60 - 80* (2004).

sem luz. a noite acontece. ventre escuro. sombra: neve. alguém: o teu grito

em a noite tece vent o. som eu grito

e lu a entre som e e m teu grito

luz noite ventre sombra: rito

m a s

n a sombra: neve. alguém: eu

sem luz tece ros to

c é

l i

a

a noite c e i

ve m

c o m i

g o

s o ve m eu grito

f u

m eu

a m o

r

Em cada poema é feita referência a partes do corpo, como por exemplo, “braços”, “ossos”, “sangue”, “peito/s”, “ventre”, “pés”, “rosto”, “ombros” e “cabelos”. A alusão a sensações - expressas através de palavras como “arde”, “corta”, “frio”, “quente” ou “sentir” - é comum a vários dos poemas. Este é um organismo com um rosto, com um corpo. Como tal, manifesta a capacidade de sentir ou de expressar emoções. Segundo E. M. de Melo e Castro, este texto é constituído por fragmentos “que trabalham todos para o mesmo fim: a sua automanutenção e até a sua reprodução” (CASTRO, 2009, p. 191). A utilização da palavra “vida” ou “vivo” (Homeóstatos 3 e 4) remete para essa propriedade homeóstática do texto cuja sobrevivência depende da auto-reflexividade.

Ainda que os elementos se mantenham fixos na superfície de papel, é possível verificar que as letras foram manipuladas tipograficamente para formar um fluxo de caracteres que escorre ao longo de todas as folhas. Enquanto sistemas complexos, os homeóstatos de José-Alberto Marques parecem manifestar um comportamento emergente. A tentativa de ancorar o significado provoca um feedback negativo por parte de cada *Homeóstato*¹, que reage de forma adversa às incisões efetuadas pelo leitor. Se o *Homeóstato 1* ainda apresenta semelhanças a um poema em versos, o *Homeóstato 9* distancia-se deste formato.

1 Norbert Wiener descreveu a homeostase da seguinte forma: “O oxigénio e o dióxido de carbono e sal no nosso sangue, as hormonas fluindo das nossas gândulas sem ductos, são todos regulados por mecanismos que tendem a resistir a alterações inesperadas nos seus níveis. Estes mecanismos constituem o que é intitulado de homeostase, e são mecanismos de feedback negativo” [tradução minha] (WIENER, 1989, p. 96).

Fig. 2 – Homeóstato 3, José-Alberto Marques, 1965. Imagem de *Operação 1* (1967). Também publicado em *Antologia da Poesia Concreta em Portugal* (1973); *Antologia da Poesia Experimental Portuguesa Anos 60 - 80* (2004).

estas grades. a rua. portos e peitos mas. nossa a vida.
 as grades. rua. os peitos . nossa vida.
 grades. a. peitos . a vida.
 a . a. peito . a a.
 ei
 portos
 grades. a vida.
 a vida.
 estas grades. e peito vida.
 a rua
 peito vida.
 estas grades. a rua. portos e peitos. mas. nossa a vida.

homeóstato - 3 - José-Alberto Marques - 1965
 OPERAÇÃO - 1 - 1967

Fig. 3 – Homeóstato 9, José-Alberto Marques, 1965. Imagem de *Operação 1* (1967). Também publicado em *Antologia da Poesia Concreta em Portugal* (1973).

v
e e e
n n
l
o o o o
:
s
h
-
a a
m
r r
l
i
b
d d

homeóstato - 9 - José Alberto Marques - 1965
OPERAÇÃO - 1 - 1967

Cada poema sobrevive porque oferece resistência à extração de um sentido derradeiro. Frases e ideias são constantemente interrompidas e esvaem-se sobre a página. Para além da disposição sincopada e aparentemente aleatória dos elementos que compõem o texto, a referência fugaz a sentimentos, personagens e ações, impede a formação de um retrato circunscrito deste, tornando-o num sistema imprevisível e aberto.

Como o texto se encontra dividido em inúmeros elementos (frases, palavras, grafemas) distribuídos ao longo das páginas, o leitor tem de localizar possibilidades combinatórias para concretizar a leitura dos nove homeóstatos. De acordo com uma carta escrita pela personagem “Célia” ao seu autor, José-Alberto Marques é um “poeta de poemas estranhos”, isto é, poemas “sem rima, sem métrica, com uma mecânica diferente” (MARQUES, 2015). Para ler o texto, será necessário descobrir uma combinação correta de elementos. As possibilidades são vastas, o que sublinha o carácter generativo e o estado potencial do texto. Os *Homeóstatos* deixam transparecer uma componente autobiográfica ou introspetiva, que se funde com a sua auto-reflexividade. A complexidade das relações humanas é espelhada pela impossibilidade de alcançar uma explicação indubitável do texto.

A distribuição dos elementos na página tem um impacto no ritmo e tempo de leitura, o que oferece ao texto uma dinâmica singular. No *Homeóstato 3*, por exemplo, a palavra “lento” é interrompida por um extenso espaço em branco, o que estabelece uma correspondência entre o som que o leitor emite durante a leitura da palavra e o significado desta. As letras da palavra “distâ[n]cia” (*Homeóstato 7*) surgem uma-a-uma na vertical ou são distribuídas aleatoriamente, enaltecendo a condição prismática do texto, que se estende desde a disposição (multi)linear dos caracteres, até à irrefreável propagação de sentido.

Fig. 4 – Homeóstato 7, José-Alberto Marques, 1965. Imagem de *Operação 1* (1967).

a a
m m
o o
r r
.
t t
u u
.
l l
e e
v v
e e
.
b b
r r
a a
ç ç
o o
s s
s s
e e
x x
o o
.
t t
e e
u u
n n
o o
m m
e e
.
d d
i i
s s
t t
â â
c c
i i
a a

homeóstato - 7 - José Alberto Marques - 1965
OPERAÇÃO - 1 - 1967



O recurso a cesuras entre grafemas confere ao texto um ritmo flutuante, enaltecendo também o seu potencial performativo. José-Alberto Marques é muitas vezes intérprete das suas composições. O elo entre escrita e oralidade é tecido através de uma exploração tipográfica do espaço da página, permitindo a cada poema assumir múltiplas materialidades: a voz, a letra, o gesto, o algoritmo ou a imagem tornam-se na sua substância. A folha de papel é a matriz dessa transformação. Eugenio Tisselli criou uma versão do texto de José-Alberto Marques em que uma letra é retirada cada vez que o leitor acede ao poema. A propriedade auto-generativa desta série é explorada pelo gerador de homeóstatos criado por Rui Torres e Nuno F. Ferreira. Nuno M Cardoso e Mandrágora efetuaram (re)interpretações desta obra. Todas estas apropriações contribuem para manter este organismo vivo.

Se considerarmos o ato de leitura como o processo que garante a sobrevivência do texto, a distanciação entre letras suspende ou interrompe a enunciação das palavras adiando progressivamente a finalização da leitura e alargando o seu tempo de vida. A cesura torna-se numa forma de adiar a produção de significado, mas também num recurso para aumentar a longevidade de cada friso verbal ou de uma linha que parece ter chegado ao fim (Homeóstato 9). Sendo assim, a problematização do ato de leitura possibilita a sobrevivência do texto. Este é expandido para além das letras sobre a folha e permanece inscrito no vazio que separa as palavras ou na tentativa de superar as sucessivas quebras de sentido. A inconstância do significado e a definição do texto como um organismo responsivo e complexo promovem um ciclo recursivo entre leitor e texto, bem como uma ampliação deste para além do imediatamente visível ou perceptível.

Um décimo *Homeóstato*, ou “Homeóstato A”, foi posteriormente publicado em *Imaginários de ruptura* (1993).

Fig. 5 – Homeóstato A, José-Alberto Marques, 1993. Imagem de *Imaginários de ruptura* (2002).

a secura da pedra *da catedral antiga tem veios na garganta e escuta*
a voz misteriosa *do silêncio que ao soar*
reflecte *o vento do tempo, do tempo em*
o grito lento

a a a a a a a
e e e e e e e
i i i
o o o

u

a secura da pedra

a a
e e e e e
i i i
o o o

a voz misteriosa

a a a a
e e e e e
i
o o o

u

reflecte

a a a a a a a
e e e e e e e
i i i
o o o

o grito lento

a a a a a a a
e e e e e e e
i i
o o

u

JOSÉ-ALBERTO MARQUES
"Homeóstato – A", 1993

Todas as vogais suprimidas nos momentos finais do *Homeóstato 9*, onde a palavra “liberdade” surge despojada das suas vogais, são repetidas freneticamente neste texto. As vogais apenas podem ser soletradas se não existir um impedimento à passagem do ar. A referência ao “vento” e “grito lento” descrevem a vocalização desses fonemas que circulam na página (aparentemente) sem qualquer restrição. Porém, a cada vogal está destinada uma linha e, embora a letra “u” nem sempre seja incluída, a sequência “a,e,i,o,u” é respeitada. A impressão que as letras circulam livremente é conferida pela distribuição aleatória de cada letra ao longo da linha correspondente. O trabalho de José-Alberto Marques tem muitas vezes uma faceta política. A demorada libertação das vogais no *Homeóstato A* parece concretizar ou projetar esse “grito lento” ao qual se retira gradualmente a mordaça, para se insurgir contra uma entidade opressora.

Cada homeóstato permite verificar que uma folha de papel é mais do que uma superfície onde reside um texto imperturbável. Ao longo de todos os poemas, as letras ensaiam movimentos e desenham emoções à flor da página. Elas são como veias e artérias salientes que pulsam de vida e que sustentam o organismo de cada *Homeóstato*, para além da esquadria da página.

AMID VERBAL FRIEZES: A JOURNEY ACROSS JOSÉ-ALBERTO MARQUES' HOMEÓSTATOS

Abstract: The *Homeóstatos* series, created by José-Alberto Marques (1939-) in 1965, and published in the journal *Operação 1*, in 1967, is comprised of nine visual poems. In this work, letters were spilled over into every sheet, drawing a set of verbal friezes that cross the entire series. The present article aims to suggest a journey across these poems. Moreover, it aims to describe this work as a living organism and, hence, to undermine the idea that a paper page is a stable and delimited surface.

KEYWORDS: Homeóstatos. José-Alberto Marques. Experimental Portuguese Poetry. Auto-reflexivity.

Referências

CASTRO, E. M. de Melo e. *Voos da Fénix Crítica II*. Lisboa: Edições Cosmos, 2009. p. 187-192.

MARQUES, José-Alberto. *Homeóstatos*, in Operação 1. Lisboa: A. Aragão [et al.], 1967. Disponível em: <<http://www.poxex.net/taxonomia/materialidades/planograficas/jose-alberto-marques-operacao-1-homeostatos>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

_____. Carta da personagem dum poema ao seu autor. Texto inédito. 2015. Disponível em: <<https://www.poxex.net/taxonomia/transtextualidades/metatextualidades-autografas/jose-alberto-marques-carta-da-personagem-dum-poema-ao-seu-autor>>. Acesso em: 30 mai. 2015.

WIENER, Norbert. *The Human Use of Human Beings - Cybernetics and Society*. London: Free Association Books, 1989.

Recebido em: 19/05/2016.
Aceito em: 15/06/2016.